

Framework: ódio, áreas de vibrância: ideias para psicanalistas

Leandro Stitzman,¹ Buenos Aires

Neste artigo é apresentada uma maneira possível de se pensar a experiência emocional do ódio, entendida como vínculo, de maneira instrumental, no contexto do desenvolvimento de um framework psicanalítico. Para isso, é estudado e ampliado o conceito de paixão desenvolvido por W. R. Bion com ênfase na ideia de ódio (H), desprezo (-H), raiva e crueldade (- - H). Também se atenta para a importância técnica da inclusão das ferramentas de áreas de vibrância e da notação algébrica para a instrumentalização das diferentes dimensões do ódio no trabalho com pacientes. À guisa de ilustração, são apresentados diferentes modelos e realizações clínicas úteis para que o leitor possa ter uma compreensão mais rápida do tipo de pensamento instrumental apresentado.

Palavras-chave: técnica, framework, instrumentos.

¹ Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica Colombiana.

*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio, et excrucior.*²
(Catulo, *Carmina*, poema 85)

*Pero si un día me demoro
no te impacientes,
yo volveré más tarde.
Será que a la más profunda alegría
me habrá seguido la rabia ese día.*
(Rodríguez, 1975)

*Hate or love?
Seduction or passionate love?
I would like to know.*
(Bion, 1975)

Carnaval: O

Todos odiamos.

O ódio é a denominação adequada para a expressão direta de um estado emocional que qualquer pessoa saudável, em contato com os fatos e com tolerância ao desconhecido, experimentou mais de uma vez. O ódio não depende do objeto odiado, mas da matriz relacional daquele que odeia: o ódio se sente, o ódio se exerce, o ódio se mostra.

Amando e apaixonados, odiamos nossos filhos e nossos cônjuges. Odiamos nossos amigos e nossos pais (se fizeram um trabalho suficientemente adequado como tais). E inclusive – se nossa análise funcionou relativamente bem – podemos chegar à saudável indulgência de odiarmos um pouquinho a nós mesmos.

Como analistas, vemos que pacientes criativos e vitais odeiam, que o ódio é um fogo hábil. O ódio é uma experiência emocional que faz parte do espectro emocional humano tanto quanto o vermelho ou o azul fazem parte de nosso espectro visual.

Bion (1963) define um tripé para pensar, observar e instrumentalizar a realidade da experiência emocional em forma de vínculos: amor, ódio e

² N.R.: Odeio e amo. Por que o faço, talvez perguntes. Não sei, mas sinto que acontece e soffro.

conhecimento, os quais representa por suas iniciais em inglês: L, H e K. Talvez por um preconceito, talvez por falta de tempo, talvez por utilidade técnica, Bion só aprofundou o K, deixando L e H mais à deriva.

Depois de ter podido pensar, já há muitos anos, algumas coisas sobre o amor L (Stitzman, 2003) e a crueldade --H (Stitzman, 2002), o que vem a seguir são alguns pensamentos a respeito de H que, de modo nenhum, devem ser lidos como uma ode, égloga ou elogio ao ódio acima de qualquer dos outros dois vínculos propostos. Espero apenas que o leitor que se aventure nas ideias a seguir, tenha tolerância com o uso de certos signos novos para ele e se sobreponha à frustração que venham a lhe despertar, com a confiança de poder encontrar uma recompensa proveitosa nas ideias e na maneira como são apresentadas.

A notação algébrica que apresento não é caprichosa; ao contrário, foi pensada para aliviar muito da carga teórica arrastada por algumas denominações e para, passado o impacto inicial, desembaraçar o caminho até uma mais simples e profunda capacidade de observação dos fatos e sua operação. O resto é aventura.

Paixão: L + H + K

Cada um dos vínculos que Bion (1963) descreve se expressa em três registros de uma chave imaginária. Ele falou de duas delas: K e -K; Darío Sor (Sor & Senet, 1992) introduz a terceira: --K. Eu me aventuro numa denominação possível para cada uma das expressões emocionais destes vínculos:

	L	H	K
+	Amor	Ódio	Conhecimento
-	Idealização	Desprezo	Alucinação
--	Adoração	Crueldade	Fanatismo

Estes são nomes coloquiais (pertencentes à fileira C da grade), denominações arbitrárias plenas de penumbra associativa, úteis para a comunicação informal com pacientes e colegas. No entanto, é recomendável utilizar a chave e as valências acordadas (pertencentes à fileira F da grade) caso se queira ganhar em precisão: L, H, K; -L, -H, -K; e --L, --H, --K.

Aventuremo-nos um pouco utilizando os nomes coloquiais destas experiências emocionais de realizações vinculares antes de passar a seu estudo em um sistema mais algébrico do pensamento (*framework*).

O amor implica ver as coisas *tal*³ como são. Seu oposto (par complexo conjugado) não é o ódio e sim a idealização que favorece ver as coisas tal como quero que sejam. A adoração impõe, como condição mínima necessária para ver, o se tornar cego para o si mesmo e para o senso comum (não por nada é a requerida pelos sistemas religiosos).

O ódio implica poder ver tudo o que as coisas não são. Seu complexo conjugado não é o amor, mas o desprezo que evita o contato com os fatos por um temor covarde e priva a personalidade da experiência. A crueldade é a realização da experiência emocional do fanatismo que, longe de atacar a realidade (sadismo) ou o vínculo com ela (ataque ao vínculo), devasta o vínculo desvitalizando tanto o agente da crueldade quanto seu objeto.

O conhecimento implica não apenas o processo de conhecer e desconhecer algo, como além disso, a tolerância ao desconhecido implícito no conhecimento desse algo. A alucinação é a capacidade para deformar os fatos com uma invariância mínima.⁴ O fanatismo é uma relação rígida e deteriorada com os fatos, nos quais toda ideia é deteriorada no nível de *resto sem valor*, como matriz da ideia máxima.

Este trabalho vai focalizar o pensar ideias em torno do ódio e suas áreas de vibrância. Mas, antes, concedemo-nos um tempo para deixar assentadas algumas bases, à maneira de hipóteses definidoras do que virá... acordos básicos do passeio.

Ao definir o ódio como vínculo H, alcançamos pô-lo na perspectiva relacional – tão importante para a psicanálise, pois é aí onde a psicanálise acontece, nesse espaço em que somos dois: duas pessoas, duas personalidades, duas partes da personalidade.

Para Bion, a unidade é o par. Isto é o mais interessante quando pensamos nas implicações técnicas e observacionais que esta ideia tem. Não se trata do *um*, não se trata do objeto: trata-se de dois, trata-se da relação entre dois. Não é o que o objeto faz, mas a maneira como é feito isso que o objeto faz. Não se trata do ódio, do que odeia, ou do que é odiado – trata-se da relação de ódio entre dois e, inclusive, entre parte ou função da personalidade da própria pessoa e da outra.

Quer dizer que, se uma das partes é observável (função), isto implica que há outra coisa que não o é e que requer ser deduzida baseada em uma evidência mínima com a ajuda do senso psicanalítico por excelência, a intuição, capaz de favorecer a observação infinitesimal. Esta ideia de que a unidade é o par é matricial em Bion para a observação de uma mente em transformação e é a que permite o desenvolvimento dos instrumentos técnicos a que chama função e fator.

³ *Tal* é um operador matricial clínico descrito e estudado em Stitzman, 2004.

⁴ Delimitada e disciplinada, a alucinação pode ser a origem de processos imensamente criativos e um excelente antídoto contra o fanatismo. O desenvolvimento destas ideias excede os objetivos deste trabalho.

O ódio faz parte de uma mente emocionalmente sã. Quer dizer, de uma mente capaz de estar em contato não deformado com os fatos que a rodeiam (incluindo ela mesma), tolerando o que resolvi chamar de abstração emocional própria do Momento da Personalidade⁵ (:).

A abstração emocional é qualidade de uma mente em expansão disciplinada que implica poder tolerar a assimetria sem sucumbir. Ou, dito em termos mais precisos: a existência de pares emocionais complexos conjugados na mente. Isto é, a possibilidade de estar triste e contente ao mesmo tempo, de experimentar amor e ódio de maneira simultânea sem a necessidade de que um ofusque o outro. Poder experimentar ódio em uma relação a torna real, profunda, transformável, passional.

E aqui temos outra definição. Bion (1963) chama de paixão à relação não exacerbada de L + H + K. A paixão não calcina nem obstrui a possibilidade. Sem ódio não há paixão. Sem ódio não há amor nem conhecimento em transformação criativa.

Ódio: H

O ódio é vermelho. Bordeaux. Púrpura. O ódio arde, é como uma chama. Bobby Axelrod⁶ diz que *o ódio é a melhor fonte de energia da natureza: renovável e inesgotável*.

Odiar insatura. Odiar implica ver, tolerar a qualidade negativa dos fatos: tudo o que o fato não é por mérito próprio, o que o fato não tem, o que o fato não representa. Odiar favorece ver a brecha no muro do amor cristalizado. Enquanto que o amor respeita e vê a realidade pelo que a realidade é, o ódio a respeita vendo-a por tudo o que não é.

Se a pessoa não fosse capaz de amar não poderia nunca tolerar o contato direto com o objeto de amor que favoreça o conhecimento do mesmo. Da mesma forma, se a pessoa não fosse capaz de odiar nunca poderia evitar o cerrado deslizamento até a idealização, com sua consequente alucinação.

L + H + K.

Da mesma forma, te odeio. Odeio-te é ação, é algo que *te* faço. Não é abstrato. Faço-te algo: te beijo, te mimo, te ligo, te vejo, te odeio – te faço algo. Mas o que é exatamente isso que te faço quando te odeio? Vejo-te insaturado, não total. Vejo-te carente e cheio de possibilidades de ser outra coisa: outra pessoa,

⁵ Pode se ler a ideia de *Momentos da Personalidade* em Stitzman, 2011. Apresenta um modelo para pensar o crescimento de uma personalidade desde o vértice da *Teoria das transformações*. Seus momentos são Unidade de Um (U1), Unidade de Dois (U2), Dois, Um e Três (:).

⁶ N.R.: Personagem ficcional da série televisiva *Billions*.

outra versão de ti, outro. Quando te odeio, deixo de te ver comodamente e isso me incomoda e inquieta e te inquieta. A mim lembra que não conheço tudo, a ti lembra que não estás completo ainda e que podes ser tantas outras coisas. Entre ambos, a tormenta emocional cresce e nos golpeia no rosto. Ninguém quer isso. Ninguém quer ter uma tormenta emocional por perto e, muito menos, estar no centro dela.

O ódio precisa mudar seu gerente de *marketing*.

A penumbra associativa de seu nome o faz ser uma emoção desprezada e renegada. Recomenda-se às crianças não odiar ninguém, odiar é mau, o ódio é uma emoção feia, etc., como se fosse algo sem nenhum custo mutilar o espectro emocional humano. O ódio como uma camada espessa que avança e te consome por dentro. O ódio como a porta de entrada no lado escuro da *força*. O ódio como o ponto de inflexão entre os *bons* e os *maus*.

Como é penoso odiar! Odiar nos deixa na porta de todos os futuros possíveis. Odiar até perder o conhecimento e ter que ganhá-lo de novo. Odiar até desconhecer, até já-não-sei-quem-és, odiar até que o mundo seja novo para se voltar a amar e a conhecer de novo.

Isto, mas tudo junto.

Odiar implica perder os significados e ver-se na estaca zero. Odiar pelo que o outro, pelo que os fatos, pelo que a realidade, pelo que a própria pessoa não é. Odiar para se salvar da deterioração. Odiar pelo bem. Odiar cheio de amor.

Se uma mãe não é capaz de estar em contato com o ódio que sente por seu filho recém-nascido, dificilmente poderá amá-lo. Quem atendeu ou conviveu (lucidamente) com uma puérpera sabe a culpa (-E2·E6) por não suportar seu filho até o ódio, culpa que pode ser tão grande que se levante como inibidor para o amor requerido ao contato íntimo.⁷

Quando o ódio não é tolerado, e dele se arranca a capa da responsabilidade e se o conjuga com a frustração e a culpa, o que muitas vezes surge é a raiva. A raiva é expressão de um ódio frustrante com o qual custa conectar-se. A raiva é ódio transbordante. A raiva está aí, como uma besta que grunhe em altos brados semelhante a uma tormenta incandescente que não acaba, que preserva o indivíduo da lama do desprezo e da crueldade.

A raiva é a última barreira de defesa contra a loucura.

⁷ E, se eu disse puérpera e filho, posso muito bem dizer pai e filha, ou mãe e filha ou pai e filho. Não é uma questão de gênero, é uma questão humana.

Desprezo: -H

O desprezo evita o contato. Evita conhecer e saber e ver.

O desprezo é anterior à experiência e se baseia em preconceitos transformados em julgamentos acerca da natureza do fenômeno. Enquanto o ódio parte do contato com o fato, o desprezo o evita mutilando o que seja que o mesmo prometa apresentar. Odeia a sombra, não o fato.

O desprezo não tem respeito pela coisa tal-qual-ela-é.

Desprezo-te implica que não quero me arriscar a te conhecer, que não necessito do que és para saber que não. O desprezo carece da experiência e, portanto, não proporciona nutrientes capazes de conduzir a personalidade ao crescimento. Claro que desprezar veneno pode nos evitar mais de uma indigestão mental. Mas, ao fim do dia, a pergunta de um milhão é se vale a pena a profilaxia para evitar a possibilidade de um mau bocado.

O desprezo costuma ser confundido com desinteresse ou escolha de não contato, mas está muito longe de sê-lo. Isso se aplica às teorias, às pessoas, às atividades, às ideias. Não é o mesmo a falta de interesse por algo, ou uma negativa séria de não fazer algo, ou de não estudar, ou de não ter contato com algo ou alguém e o desprezo que se desesperula como uma tentativa de controlar a turbulência emocional frente ao desconhecido. Ou seja, uma coisa é que algo não nos interesse por aquilo que é, outra coisa é o desprezo prematuro pelo que a coisa não é, ou pode não ser, ou ser.

Quando a incerteza é grande e a intolerância à frustração é pequena, o desprezo pode se levantar como uma barreira de defesa contra o que é vivido enquanto ameaça de catástrofe iminente. Naturalmente que não é a ameaça de catástrofe o que se experimenta, mas o desprezo, de maneira contundente, irreduzível.

É comum ver um alto grau de desprezo entrelaçado (Stitzman, 2011) a um sentimento de perda de segurança nos objetos por labilidade nas relações.

Quando as matrizes de relações sem objetos relacionados são vividas como frágeis, tornam-se objeto-dependentes, de modo que qualquer mudança no objeto se transforma numa ameaça profunda contra o sistema, e a possibilidade de que qualquer objeto novo venha a perturbar o estado atual da questão desperta a experiência emocional de desprezo para assegurar, com um aumento considerável da turbulência, que o contato seja evitado.

Mas, se, apesar de tudo, não se consegue evitar o contato...

Crueldade: - -H

Não sejas cruel.

Basta. Me doi.

Faz frio. Basta.

A crueldade é a experiência emocional do fanatismo. A crueldade devasta o vínculo, tornando-o gelado como um inverno do descontentamento que não se detém. Drena a vitalidade. Apaga. *Monocromiza*. Detém.

Assim, a crueldade não apontará para o objeto, mas para o vínculo entabulado com ele. A diferença está em que o que se busca não é a anulação ou suspensão da relação, mas o congelamento emocional que estanque o objeto, arrancando-lhe toda fê na existência. O exercício da crueldade recebe o nome de ataques cruéis e tem como objetivo final manter o vínculo privado de nutrientes. Digamos, com as palavras de Mario Benedetti (2005, não paginado):

*Todo verdor perecerá
disse a voz da escritura
como sempre implacável*

A crueldade é um veneno mental que se expande dentro da mente em todas as direções *comoumrastilhodepólvora*. E tanto pode ocorrer em uma relação entre duas pessoas como em uma relação entre uma parte da própria personalidade e outra. Os vínculos cruéis detêm os objetos, tirando-lhes transição, tornando-os duros, sem vida, sem calidez.

A crueldade tem a característica de ser silenciosa. Não se a vê. Não se a nota. Até que é tarde demais e a infecção já está na mente.

Quando um vínculo deixa de se transformar, mas não se dissolve ou se rompe, começa a se deteriorar em uma não-transformação fanática. A crueldade faz o resto, arrancando a pele cálida do mesmo em um processo de animado ↔ inanimado.

Ambas as partes envolvidas no vínculo cruel começam a perder vitalidade até se necrosar em um macilento não-existir congelado em um espaço (♂·♀) – tempo (Ps ↔ D) que tende à detenção. O que, expressado mais elegantemente de maneira algébrica, seria:

$$-- H : f_{(Ps \leftrightarrow D)}^{(\text{♂} \cdot \text{♀})} \rightarrow \lim \frac{1}{\infty}$$

Leia-se: *em um vínculo cruel, a função definida pelo espaço e pelo tempo tende ao limite de 1 sobre infinito* (que, matematicamente, é igual a 0).

Áreas de vibrância: \bar{U}

Se venho me referindo a fato, fenômeno, objeto e função de maneira mais ou menos inespecífica, tentemos especificar isto um pouco mais. No sentido em que o penso, um fato é uma *categoria de análise*,⁸ uma abstração de uma realidade infinitamente mais complexa, podendo se expressar isto em termos de que qualquer tentativa por conhecer ou pensar (K) alguma dimensão da realidade última tal-qual-ela-é (O) é, em síntese uma simplificação escandalosa para o olho rigoroso, mas o melhor sistema disponível se levamos em consideração este limite metodológico da epistemologia humana. Dizendo-o em símbolos simples:

$$\frac{O!}{K!} \rightarrow \infty$$

No qual O é a realidade última; ! é complexidade; K é vínculo de conhecimento (no sentido em que o estamos pensando); \rightarrow é tendência; e ∞ é infinito. E assim se o entende: o grau de complexidade da realidade última é tão grande que os graus de complexidade dos sistemas que usamos para entrar em contato de conhecimento com ela parecem tender a zero. Com isto em mente, quero definir uma categoria de análise mais ampla e operativa que pode ser enquadrada dentro de um possível *framework psicanalítico* (tal como propus em 2016): as áreas de vibrância.

Já tratei (2011, 2013, 2016) das vantagens de utilizar um *framework* (Φ) psicanalítico em substituição às teorias psicanalíticas mais tradicionais, de modo que vou evitar me estender mais sobre este tema neste trabalho, exceto para sublinhar o contexto em que proponho a categoria de análise de *área de vibrância*.

Parte de meus últimos *tempos-de-ideias* se passa em torno do desenvolvimento de um sistema supra e parateórico e instrumental de pensar psicanaliticamente a psicanálise. Para isso propus as bases de um possível *framework* de entrelaçamento $\Phi(\pi)$ com a conseqüente redenominação de algumas questões críticas para a psicanálise à maneira do quadro abaixo:

⁸ Uma categoria de análise é um operador instrumental adequado para poder pensar – o mundo. Não tem pretensão ontológica e sim observacional e exploratória. Quando escrevo que penso o fato como uma categoria de análise, estou expondo que não penso em um fato existente, mas na delineação artificial para a investigação de uma porção do mundo.

Denominação Clássica	Denominação em <i>Framework</i>	Signo
Teoria (psicanalítica)	<i>Framework</i>	ϕ
Psicanalisar	Explorar	λ
Transferência	Turbulência Emocional	Δ
Interpretação	Delinear	\odot
Atenção	Observação Infinitesimal	$\Delta\infty$
Sintoma	Dom	\mathcal{D}
Objeto	Matriz	$\times 10$

Neste contexto de notação⁹ é que proponho tratar de áreas de vibrância. O objeto ocupa um lugar no espaço. Este lugar é pontual. Seja: o objeto está onde está, não há outra coisa onde o objeto está, inclusive ele está definido, em parte, pelo lugar que ocupa. Chamo a tal forma de *ser* do objeto de espaço pontual ou objeto pontiforme.

A área de vibrância não é pontiforme. É dinâmica e inclui não apenas o lugar no qual o objeto está, como todos os lugares nos quais a matriz $\times 10$ se expressa – onde esteve, onde está, onde estará, assim como todas as possíveis operatividades que $\times 10$ possa ter.

Isto é, um cubinho de gelo é um objeto pontiforme enquanto cubinho de gelo, mas, enquanto o observo infinitesimalmente em sua área de vibrância, deixo de ver-lhe a qualidade pontiforme colapsada à forma de cubinho de gelo e começo a vê-lo como gelo + água + vapor + estados intermediários + etc.

Talvez uma maneira simples de colocá-lo em termos de realizações da vida cotidiana é que uma cadeira está onde está, é onde está; enquanto que, por exemplo, uma corda de violão vibrando determina uma área em que se encontra, uma área que, aos olhos nus do observador, é vista como uma nuvem. Em termos *bionianos* pode se pensar a área de vibrância como a zona em que o diâmetro da função $Ps \leftrightarrow D$ vibra nos momentos pré-catastróficos, catastróficos e pós-catastróficos.

Nos termos da teoria do entrelaçamento, a área de vibrância implica a área de ação de todos os estados possíveis de uma conjunção que ainda não se usou e que pode, potencialmente, ser colocada em qualquer casinha da grade partindo de $H1 \cdot H6$. A nuvem de vibração que define a extensão remota da área está representada pelo acúmulo de elementos entrelaçados $\pi_1 \cdot \pi_2$. Chamei a este diâmetro que separa ambas as partículas entrelaçadas de operador *phi*, o que é representado pelo signo ϕ .

Neste sentido, podemos definir, desde o vértice do *framework* de entrelaçamento $\phi(\pi)$ até a área de vibrância como

⁹ É claro, instrumentalmente falando, o silogismo Notação \leftrightarrow Observação \leftrightarrow Ação.

$$\oint(\pi) \rightarrow \bar{U} : \langle \pi_1 | \phi | \pi_2 \rangle$$

Onde \bar{U} representa a área de vibrância. Esta notação pode ser lida nos seguintes termos: *no contexto de um framework de entrelaçamento a área de vibrância é definida como área de expressão do operador resultante da vibração de duas partículas entrelaçadas*. Mas, o que é que vibra? Necessitamos claramente, como vimos no início do parágrafo, uma precisão maior acerca de que modo nos referimos a um fato, um objeto ou um fenômeno. O que vibra é uma função (da personalidade) em um *momento*¹⁰ determinado (Stitzman, 2011).

Para reduzir a penumbra associativa das denominações, em vez de me referir a objeto, fato, pessoa, função, ou parte da personalidade, utilizarei o signo f_p ; salvo se se requiera especificar algum deles em particular. Assim sendo, o que define esta vibrância de partículas entrelaçadas separadas por um operador ϕ é uma função f_p expressada no contexto da matriz emergente $\times 10$.

De modo que o que se encontra vibrando para definir \bar{U} é f_p , determinado em sua expressão mais simples como:

$$f_p \rightarrow \langle \bar{U} \rangle$$

Quer dizer que cada f_p define pelo menos três \bar{U} em cada uma das chaves que vimos anteriormente, resultando que, por cada f_p , obtemos $\bar{U} + -\bar{U} + --\bar{U}$ expressados, por sua vez, em cada um dos domínios emocionais definidos para a paixão. O resultado é uma notação com estas características:¹¹

$\langle \bar{U} \rangle$	L	H	K
+	\bar{U}	$\sim \bar{U}$	$\bar{U} i + \sim \bar{U} i$
-	$-\bar{U}$	$-\sim \bar{U}$	$-(\bar{U} i + \sim \bar{U} i)$
--	$--\bar{U}$	$--\sim \bar{U}$	$--(\bar{U} i + \sim \bar{U} i)$

¹⁰ Aqui momento é Momentos da Personalidade M_p .

¹¹ No quadro, i representa o conjugado. Quer dizer que em $\bar{U} i$ é o conjugado da área de vibrância, ou seja, todo o desconhecido do conhecido em \bar{U} .

Paixão: L + H + K

Tendo definido um pouco mais as áreas de ação das matrizes vinculares L, H e K com suas respectivas valências, estamos em boas condições para mais um passo no entendimento do problema.

Amor, ódio e conhecimento, como é evidente para o leitor atento, não se opõem, complementam-se. A mesma coisa faz a idealização, o desprezo e a alucinação e, também, a adoração, a crueldade e o fanatismo. São ilhas, chaves do arquipélago emocional humano. Apresentam-se em forma de *clusters* e se tornam operativos no contato com f_p .

Sem L seria impossível entrar em contato não deformado com f_p , pois não se poderia levar em consideração verdadeira a área emocional na qual f_p está vibrando.

L f_p: o que o fato é

Sem H não se poderia contemplar todo o universo negativo ($\sim\bar{U}$)¹² implicado em f_p e, portanto, não se poderia instaurar o contato alcançado em L, correndo-se o risco de que o $L f_p$ se transformasse em idealização por saturação $L \rightarrow -L$. Da mesma forma, sem L, H não se poderia jamais reconhecer a individualidade da área de vibração de f_p com a implicada desnutrição capaz de produzir, por temor e intolerância, $H \rightarrow -H$.

H f_p: o que o fato não é

Neste sentido:

$$f_{L+H} \rightarrow f_p : \sum_H^L + \bar{U} \sim f_p$$

Pode-se ler: *a aplicação da relação contemplada em vínculos de amor e ódio sobre um fato dá por resultado o contato com o somatório da área do universo em que esse fato vibra e seu espaço negativo*. Expresso de maneira mais elegante e adequada à exploração psicanalítica, teríamos:

¹² Vale um esclarecimento para o leitor não familiarizado com a notação algébrica: \sim não é -. Enquanto que - representa o oposto de algo ($1 - 1 = 0$); \sim representa tudo o que esse algo não-é ($\sim 1 = 2; 3; 4; \dots$). - se lê *menos* e \sim se lê *não*.

$$\sum_H^L \overset{+}{\sim} \tilde{U} f_p = |f_p|$$

No qual se lê que *o somatório da área do universo em que esse fato vibra e seu espaço negativo é igual à totalidade do fato implicado na relação*. E, quando acrescentamos K, estamos no universo de poder tolerar todo o conjugado da área na qual f_p vibra, que pode se expressar como $|f_p| i$, em que i representa a parte complexa conjugada da área de vibrância da função. O que se favorece é, então, não somente o contato com *tudo* o que o fato é Lf_p , e com *tudo* o que o fato não é Hf_p , senão que se tolera adequadamente tudo o que não conheço de Lf_p e de Hf_p .

Quer dizer que quando tenho uma relação *apaixonada* $L + H + K$ com um fato, o que tenho na realidade é um contato profundo com a área de vibrância na qual a função *é*, as áreas nas quais *não é* e uma adequada tolerância ao que não conheço dessas áreas. O que, dito em símbolos redundava em

Amor:

$$Lf_p \rightarrow \tilde{U} f_p$$

Sendo Lf_p o que a função *é* e $\tilde{U} f_p$ o contato com a área em que a função se expressa.

Ódio:

$$Hf_p \rightarrow \sim \tilde{U} f_p$$

Sendo Hf_p o que a função *não é* e $\sim \tilde{U} f_p$ o contato com todas as áreas nas quais a função *não se expressa*.

Conhecimento:

$$Kf_p \rightarrow \tilde{U} f_p i + \sim \tilde{U} f_p i$$

Sendo Kf_p o encontro tolerado com o que a função *é* e $\tilde{U} f_p i$ o contato com a área na qual a função conjugada *não se expressa* e $\sim \tilde{U} f_p i$ o contato com todas as áreas nas quais a função conjugada *não se expressa*. O que dá lugar a

$$P_{L+H+K} \rightarrow \sum_H^L \overset{+}{\sim} \tilde{U} f_p = (Lf_p) + (Hf_p) + (Kf_p)$$

Que se lê: *um vínculo passional P com L, H e K equilibrados implica um contato com o somatório de áreas nas quais a função se expressa, não se expressa e mais todo o universo desconhecido de expressão e não expressão da mesma.*

Brincando: C1-C5

Resumindo até aqui, na preciosidade decimal de dez fatos selecionados:

1. o ódio é uma experiência emocional e um vínculo e é representado com o signo H;
2. H implica ver o fato por tudo o que o fato não é;
3. se H perde contato com o fato, transforma-se em desprezo, representado por -H;
4. se H retém o fato no lugar em que o fato já não é, transforma-se em crueldade, representado por --H;
5. H é necessário para ter um vínculo apaixonado com um fato;
6. o vínculo apaixonado é necessário para um contato não regido por -H ou --H com o fato;
7. o fato é uma categoria de análise e uma função expressada pelo signo f_p ;
8. f_p se expressa em uma área dentro da qual vibra de maneira pluripotenciada definida como área de vibrância e expressada pelo signo \bar{U} ;
9. a área na qual o fato vibra e se encontra operativo é $\langle \bar{U} \rangle f_p$;
10. neste sentido, H implica o contato com a área negativa na qual f_p vibra ficando isto expressado em termos de $Hf_p \rightarrow \sim \bar{U} f_p$.

Com estes acordos básicos, estamos prontos para avançar um pouco mais.

Um clássico da literatura psicanalítica sobre o ódio é o artigo de Winnicott, de 1947, *O ódio na contratransferência*. Gostaria de expor um fragmento deste artigo para pensar e discutir, não para entrar em controvérsia com Winnicott, ou com as ideias ali apresentadas, mas *apenas* a fim de discutir o fragmento em questão para além dos contextos nos quais foi escrito ou o que o autor quis ou não dizer. Winnicott (1947, p. 70) escreve:

Por acaso em nosso trabalho analítico não se apresentam numerosas situações nas quais o ódio do analista se justifica? Um de meus pacientes, preso de uma forte obsessão, se tornou quase odioso para mim durante alguns anos. Ele fazia eu me sentir culpado até que a análise dobrou certa esquina e o paciente se me tornou agradável; então me dei conta de que o desagrado anterior havia sido um sintoma ativo e inconscientemente determinado.

Para mim foi realmente um dia maravilhoso quando muito mais adiante pude dizer ao paciente que eu e seus amigos nos havíamos visto repelidos por ele, mas que ele estava demasiado doente para que lhe disséssemos isso. Aquele foi também um dia importante para ele, um tremendo avanço em seu ajuste à realidade.

Sem aprofundar muito, seguem-se algumas considerações iniciais. O analista diz que o paciente se tornou *quase odioso* para ele com uma clara conotação negativa sobre a relação emocional. E acrescenta, como quem não quer nada, durante *alguns anos*. Alguns anos, na vida de uma pessoa, não são pouca coisa. Em alguns anos pode haver nascimentos, exílios, mortes, separações, corações partidos, amores novos. Alguns anos, pensando bem, são uma vida. Todos nós vivemos alguns anos.

O analista diz que se sente culpado. Sendo a culpa o poro pelo qual penetra o que classicamente se chama identificação projetiva, me pergunto como é possível realizar uma análise com atenção e disciplina invadidas por *quase-ódio* e culpa durante *alguns anos* sem ter havido nenhum tipo de tentativa de delinear esta área para sua investigação e exploração com o paciente. Mas, por sorte, a análise muda, não o analista (!) e, então, o paciente se torna agradável a seus olhos permitindo-lhe entrar em contato com uma série de experiências emocionais a que denomina como desagrado e define como sintoma ativo e (com o epíteto de) determinado de maneira inconsciente. E, apenas *muito tempo depois*, alguma coisa disto é comunicada ao paciente e ocorre *um dia maravilhoso para o analista e*, claro, também, de passagem, um *dia importante* para o paciente.

Além disso, acrescenta que o paciente estava demasiado doente para que lhe fosse comunicada a delineação da função que, de todas as formas, o analista não havia podido observar de maneira clara a não ser *alguns anos* depois. Leia bem, leitor: demasiado doente. Cabe, então, nos perguntarmos com que fim fazemos este trabalho? Estamos nele, por acaso, apenas para ver o que os pediatras chamam paciente saudável?

Como se vê, não quero formular hipóteses sobre nada que não está escrito. E o que está escrito nos leva a pensar, com o risco de fazer ficção científica contrafática, sobre o que teria acontecido caso o analista houvesse sido capaz, houvesse tido a coragem de poder delinear com seu paciente a área de vibrância em que o ódio se encontrava operativo. Posto nos termos deste trabalho:

$$\Delta_{\infty} \cdot \Delta \rightarrow \odot \langle \sim \tilde{U}_{fp} \rangle$$

Ou seja, *realizar uma observação infinitesimal da tormenta emocional despertada entre paciente e analista adequada para delinear a área de vibrância na qual o fato não se expressa.*

Não o sabemos. Ele não o fez. Mas nós temos uma vantagem de setenta anos de tecnologia psicanalítica posterior a este chiste clínico e podemos pensar um pouco além.

É fundamental para a tarefa analítica poder delinear, de maneira passional, veraz e profunda, a área de vibrância na qual se expressa um fato dentro da tormenta emocional que se produz entre paciente e analista. Não fazê-lo é má técnica, pois atenta contra a capacidade observacional do analista, contra a fé do paciente e contra o senso comum da dupla.

Se H é experimentado pelo analista, é um problema de sua análise pessoal, pois, como é o caso deste exemplo, produz distorções na análise. Se H é experimentado pelo paciente e o paciente o sabe, não há muito que fazer, pois seria redundante para todos. Se o paciente o sabe, o importante é uma exploração da área de vibrância de suas implicações. Se H é experimentado na tormenta emocional, necessita-se de uma delimitação da área que favoreça a exploração de $\langle \tilde{U} \rangle$.

Seja como for, se o que se busca é uma tarefa realizada em profundidade e em honesto e apaixonado contato com os fatos, H (nem L, nem K) pode ficar fora da exploração. E isto deve acontecer no preciso momento (e *momento*, claramente) no qual acontece, caso se pretenda evitar, na medida das possibilidades, que se transforme em um obstáculo.

O que o analista do fragmento compartilhado faz, por negligência na delimitação da área de vibrância $\odot \sim \tilde{U}_{fp}$, é favorecer uma transformação de $H \rightarrow -H$ deteriorando sensivelmente a capacidade observacional e delimitadora do analista. Quer dizer que, em vez de entrar em contato com H, ele favorece um desprezo -H pelos conteúdos do paciente, o que o leva a, sem contato profundo e veraz com o mesmo, deixar passar o tempo de sessões, de vida do paciente, da análise e de si mesmo, sem delinear a função (observada somente *alguns anos* depois) que mantinha o paciente *demasiado doente* para investigar sua doença. Este fato não é apenas um problema de esmero técnico, mas o que está envolvido; o que está em jogo é a vida do paciente, ou seja, *alguns anos, é muito-tempo-mais-adiante.*

Área de vibrância do ódio: $\sim \tilde{U}_{fp}$

Conforme vimos nos parágrafos acima, H é penoso. É penoso para aquele que odeia. É penoso para os que rodeiam aquele que odeia. É penoso para o objeto

do ódio. H é difícil de ser tolerado em doses baixas e lapsos curtos, mas se torna muito pior quando começa a ganhar peso em intensidade e tempo. H é doloroso para o vínculo entre aquela função da personalidade implicada no ódio, para a função destinatária desse ódio e para os arredores desse vínculo. Dito nos termos deste trabalho: Hf_p requer altas doses de tolerância à frustração, entendida em seus quatro componentes IADE.¹³

H é penoso porque implica, para aquele que odeia, ver tudo o que f_p não é; e é penoso para o destinatário, pois supõe a possibilidade de ser tudo aquilo que (ainda) não é. A alternativa é sempre dolorosa. Bion cogita (1992, p. 186) sobre a natureza do componente doloroso que:

A solução foi uma vitória do correto; e a vitória consolidou a ‘correção’ e moralidade da parte da personalidade que obteve o triunfo. A parte triunfante está incluída no superego; é a moralidade do superego a quem se desafia, como é a ‘id-idade’ do id que é desafiada pelo superego. O triunfo da modificação consiste em ter que admitir que a parte ‘indigna’ da personalidade tinha razão. O triunfo ‘malvado’ faz com que as coisas sejam piores ao triunfar na própria casa como se ocorresse no domínio da própria moralidade.

E poucas coisas mais do que H apresentam, em um vínculo, a possibilidade da alternativa. O problema com H, no entanto, é que deve ser adequadamente contido e regulado pelos outros dois registros vinculares: L e K.

Sem um claro ódio H, regulado pelo amor L e o conhecimento K, é (extremamente) difícil e complexo transformar os fatos de maneira a se poder obter nutrientes dos quais aprender com a experiência. A parte vitoriosa da personalidade, da qual fala Bion, permaneceria imutável até a deterioração no gélido tripé de crueldade + adoração + fanatismo (--H + --L + --K).

A área de vibrância \tilde{U} , na qual o fato f_p se expressa, determina uma área de possibilidade $\tilde{U}f_p$, na qual o acaso \mathcal{A} da combinação desse fato f_p , entre aspectos desconhecidos do mesmo e o encontro com uma personalidade ou parte da personalidade disponível para seu encontro e eventual uso posterior, se encontra delineado \odot .

Do mesmo modo, existe uma área de vibrância capaz de conter todos os aspectos não contidos $\sim\tilde{U}$ no fato original f_p , que representa a área de expressão do

¹³ Esta é uma ideia de Darío Sor (1992) segundo a qual a tolerância à frustração pode ser pensada instrumentalmente como tolerância à sensação de infinito, tolerância ao aleatório, tolerância à dúvida e tolerância à escolha. Estes componentes formam a sigla IADE.

ódio a esse fato. Nesta área de vibrância, na qual se expressa o ódio, se encontra contido o total de aspectos não incluídos no fato original: toda esta área é, por definição, incapaz de obter significado, pois seus componentes não são capazes de formar uma conjunção apta a encerrar e conter um significado, exceto em relação ao fato original.

Assim, pois, expresso em palavras um fato óbvio: f_p se expressa vibrando em três áreas que definem sua capacidade de se relacionar com outros f_p : uma área positiva \widehat{U} por tudo o que f_p é; uma área negativa $\sim \widehat{U}$ por tudo o que f_p não é; e a combinação dos conjugados de ambas. Sem $L f_p$ é impossível o registro de \widehat{U} ; e sem $H f_p$ é impossível o registro de $\sim \widehat{U}$. Por último, sem $K f_p$ seria impossível tolerar a combinação do conjugado de todas as áreas nas quais o fato não se expressa: $f_p i$. Logo, $f_p i$ vibra em $\widehat{U} f_p i$.

Peguemos, por exemplo, uma maçã.

Assim, $f_p = maçã$. Logo:

$L maçã$ ($\widehat{U}_{maçã}$) implica reconhecer a *maçãñidade* da maçã. Ver a maçã como fruta, como fonte de fibra, açúcares e vitaminas. Como fruto da macieira. Como símbolo mítico de Adão e Eva, Guilherme Tell, Branca de Neve, Steve Jobs, etc.

$H maçã$ ($\sim \widehat{U}_{maçã}$) implica entrar em contato com laranja, melancia, melão; e inclusive com frango, peixe, chocolate, picolé, veneno, IBM, etc.

Enquanto que $K maçã$ ($\widehat{U} i_{maçã}$) implica poder tolerar que *maçã* não é mesa, cadeira, carro, nave espacial, supernova, amor-da-minha-vida, etc.

De modo que, se aplicamos $P_{L+H+K} \rightarrow \sum_H^L \widehat{U} f_p = (L f_p) + (H f_p) + (K f_p)$ a este exemplo, o resultado de um encontro apaixonado com uma maçã seria:

$$\begin{aligned}
 P_{L+H+K} &\rightarrow \sum_H^L \widehat{U}_{maçã} \\
 &= (\text{maçã} + \text{fruta} + \text{fonte de fibra} + C_6H_{12}O_6 + \text{vitaminas} + \text{fruto} \\
 &\quad + C_{\text{Adão e Eva} + \text{Tell} + \text{Jobs}}) + (\text{outras frutas} + \text{outras comidas} + \text{veneno}) \\
 &\quad + (\text{mesa} + \text{cadeira} + \text{carro} + \text{nave espacial})
 \end{aligned}$$

Talvez assim fique um pouco menos obscuro a que me refiro sobre a importância de poder tolerar $\sim \widehat{U}$ se queremos ter uma relação apaixonada com a vida, viver apaixonadamente estes *alguns anos* que temos.

Em termos de técnica analítica, vale a pena pensar na maneira como delinear a área de vibrância de um fato observado pelo analista na sessão analítica em todas suas dimensões: $\widehat{U} + \sim \widehat{U} + \widehat{U} i$.

Vejamus um exemplo do que acontece quando um desgosto originado no

ódio a um f_p não é delimitado por amor e conhecimento em uma personalidade.

1. Chamo de X a personalidade do que poderia ser um paciente para um analista treinado na observação de uma personalidade.
2. X está irritado, furioso, raivoso. Chamo de *raivoso* o estado emocional em que a raiva é a experiência emocional predominante na matriz operativa com a qual a personalidade se relaciona.
3. X não pode amar. Chamo de *amar* a capacidade para tolerar e exercer Lf_p .
4. X não pode conhecer. Chamo de *conhecer* a capacidade de tolerar e exercer Kf_p .
5. 2 + 3 + 4 produzem uma destruição do senso comum de X.
6. X já não é capaz de odiar. Chamo de *odiar* a capacidade de tolerar e exercer Hf_p .
7. X sente desprezo pelo mundo. Chamo de *desprezo* a $-Hf_p$.
8. 7 destrói a capacidade de obter nutrientes novos do contato com o mundo.
9. O resto das funções da personalidade de X padece de desnutrição emocional e perde força dentro do equilíbrio de sua personalidade.
10. O resto das funções da personalidade de X se irritam com X e começam a odiá-lo.
11. Quando X quer utilizar algumas das outras funções de sua personalidade não contaminadas de desprezo, as mesmas aparecem cheias de ódio pelo f_p .
12. X acredita que somente pode experimentar ódio e a frustração aumenta.
13. O aumento da frustração o irrita ao ponto de voltar a experimentar raiva.
14. O ciclo se repete.

Este exemplo, que pode parecer abstrato para o leitor apressado, é o esqueleto de centenas de milhares de pacientes (pessoas) que consultam em nossos consultórios, dormem em nossas camas, vivem (em) nossas vidas.

Já tendo discutido algumas realizações nas quais, por incapacidade de experimentar ódio, se desesporula uma transformação $H \rightarrow -H$ e as implicações que isto tem tanto para a vida cotidiana do paciente quanto para o quanto o analista se encontra em condições de poder realizar sua tarefa (e seu evidente envolvimento na vida do paciente com que trabalha), é óbvia a importância de ele delinear adequadamente a área de vibrância em que se expressa o ódio da função envolvida.

Ódio delineado: $\odot \langle \sim \tilde{U}_{fp} \rangle$

Gostaria, antes de prosseguir, de esclarecer um fato que pode se prestar à confusão: a delimitação da área de vibrância do ódio $\odot \langle \sim \tilde{U}_{fp} \rangle$ não é a mesma coisa

que a expectativa pelo que não está (--E5 · --E7) na grade. Para dizer claramente, não é tarefa do analista investigar o que o paciente não faz. Estou cansado de ouvir colegas se queixarem de que o paciente não associa, o paciente não sonha, o paciente não fala, o paciente não colabora. Isso é só uma expressão projetiva da frustração da pobreza técnica de um analista. Não se deve responsabilizar o paciente pela incapacidade técnica do analista em delinear \odot os dons \mathcal{D} (sintomas) que apresenta. Analogamente, nunca ouvi um analista se queixar de que o paciente não se masturba durante a sessão, ou não traz uma arma para ameaçá-lo, ou não quer incendiar o consultório com *napalm*.

Pelo contrário, $\odot \langle \sim \widehat{\mathcal{U}}_{fp} \rangle$ é uma tentativa de chamar a atenção sobre algo que está acontecendo, sim, que aparece dentro do consultório, sim, e que tem correspondência com a área de vibrância na qual se expressa o ódio pela função observada. E mais uma coisa, o que quero sugerir com delinado¹⁴ \odot não é uma compilação exaustiva de exemplos, nem uma proliferação de conteúdos, que são exclusiva responsabilidade do paciente. A tarefa consiste em poder delinear a área de vibrância à maneira de um continente capaz de conter futuros conteúdos esporulados do paciente. Em termos instrumentais, a delineação implica a apresentação de uma matriz de relações sem objetos relacionados à forma de uma matriz contida em um enunciado pertencente à fileira C da grade. O que, posto nos termos de $\oint(\pi)$, seria:

$$\oint(\pi) : \Delta^\infty_{fp} \rightarrow \lim_{\mathcal{D} \rightarrow \mathbf{x}10} \odot \langle \widehat{\mathcal{U}} \rangle$$

E se lê: *no contexto de um framework de entrelaçamento, a tarefa consiste em instrumentar uma observação infinitesimal de uma função da personalidade capaz de prover um limite definido entre o dom e a matriz observada tendente à delineação de uma área de vibrância adequada para ser investigada.*

Tendo deixado isto claro, gostaria de retomar alguns pontos pensados até aqui, mesmo que apenas para respirar antes de seguir em frente. O ódio é algo em si mesmo, é algo por mérito próprio. O ódio é um fato observável em uma análise e, para uma mente treinada, é observável na vida cotidiana. Mesmo sendo incapazes de observar o ódio, no sentido em que usamos observar Δ^∞ e ódio H neste trabalho, todas as pessoas minimamente em contato com a vida emocional própria e alheia são capazes de sentir, experimentar ódio de maneira ativa, passiva e reflexiva. Isto está claro a esta altura. Mas... o que não pensamos ainda é a forma como qualquer outro fato tem (ou pode ter) uma expressão na dimensão do ódio,

¹⁴ Que não se deve confundir com delimitado.

uma vez que se encontra vibrando dentro de $\sim \bar{U}$. Disto me interessa tratar agora.

Tomemos antes um pouco de impulso. Se o analista não é capaz de delinear o ódio em si mesmo e explorá-lo, é extremamente provável que nele desperte um desprezo pela tarefa e, conjuntamente, pelo paciente (conforme mencionado antes). De maneira análoga, se o ódio não é adequadamente delineado pelo analista de maneira a ser passível de uma exploração matricial, o risco do surgimento de desprezo é iminentemente alto.

Claro que a raiva no analista favorece as contra-atações (em um sentido clássico do termo) e, no paciente, a abrupta interrupção dos vínculos (no caso de raiva *contra* o analista, da análise mesma). Se a raiva não consegue concluir por romper o vínculo, ela desperta o risco mais severo pelo surgimento de vínculos cruéis (caracterizados na análise pela reversão da perspectiva e pelas análises cosméticas) e, nas relações extra-analíticas, pela eternização das rupturas nas separações de casais, distanciamentos ou empobrecimento das relações no e com o trabalho.

Quero usar estas últimas linhas para pensar nas implicações de se delinear o ódio na tormenta emocional que desperta entre paciente e analista. Já vimos várias vezes que cada fato f_p vibra em três áreas e em três registros segundo:

Áreas de vibrância:

$$f_p : Lf_p + Hf_p + Kf_p$$

O que, claro, expressado em função das áreas, seria:

$$f_p : \bar{U} + \sim \bar{U} + (\bar{U} i + \sim \bar{U} i)$$

E em três registros:

$$f_p ; -f_p ; - - f_p$$

É fundamental para uma exploração veraz (análise) conseguir uma correta e profunda delineação da função observada em suas três áreas e em seus três registros. Quero dizer, ver como se manifesta qualquer função que o paciente apresente à observação infinitesimal do analista expressada em todas as dimensões de sua vibrância. Basicamente, e em geral, a área de vibrância da função \bar{U}_{fp} que não tenha sido adequadamente delineada não poderá ser explorada e, portanto, ficará operativa como um ponto esporulado à espera de ativação.

Vale acrescentar, para o leitor atento, que não estou me referindo a nenhum

ponto de vista do oxímoro de análise profilática, nem a trazer à exploração áreas que não se encontrem no material do paciente. Muito pelo contrário, se uma função se torna evidente para o analista, a correta exploração da mesma se realiza aprofundando a delineação de todas as áreas e registros nos quais a mesma se encontra vibrando, independente de onde haja colapsado, neste *momento* em particular, o diâmetro da função $Ps \leftrightarrow D$.

Se levarmos em conta que as funções operam, ao final do dia, como matrizes de relações sem objetos relacionados em uma área, como investigar a mesma de maneira fragmentada? Colocado assim, e em termos de uma categoria de análise da psicanálise clássica, se um paciente fala de sua mãe ou de seu pai, a observação, sob a luz do conflito edípico, faz com que falar de mamãe seja também falar de mamãe, de papai, de si mesmo e das relações entre os três à maneira do esquema:

1. mamãe – papai
2. mamãe – paciente
3. paciente – papai
4. mamãe – paciente – papai

Concorda-se que a evidência deste tipo de investigação é afim com o ouvido psicanalítico convencional. Pois bem, no quadro do desenvolvimento de um *framework*, no qual muitas outras dimensões do fato $\times 10$ se tornam observáveis infinitesimalmente Δ^∞ e aptas para a delineação \odot de dons \mathcal{D} , a consideração da totalidade das áreas e registros (dimensões em si mesmas) da f_p se torna peremptória.

O conteúdo manifesto nunca foi mais anedótico que neste contexto, pois se erige como o exemplo paradigmático do fato pontiforme (vs. áreas de vibrância da matriz). Mais ainda: se somos suficientemente honestos e tomamos um lapso determinado do conteúdo manifesto de uns dez pacientes, poderíamos observar que todos nós temos, \mp , as mesmas vidas. A diferença substancial é o que fazemos com elas, a maneira como fazemos o que fazemos com quem o fazemos nesses *alguns anos*. Em geral, a delineação das dimensões de L, H e K redundante, por mérito próprio, na segurança de que uma grande escala da vida emocional do paciente foi coberta.

Em particular, a observação infinitesimal e delineação da área de vibrância do ódio em uma função determinada $\odot (\sim \tilde{U}_{f_p})$ em seus três registros favorece o contato com partes que, em geral, são vividas como indignas pela personalidade, mas que podem, no caso de a ordem mudar, chegar a se converter nas partes regentes da mesma.

Lembro o caso de um paciente que se sentia extremamente contente com um encontro que teria com uma mulher naquela noite. Havia pensado claramente na roupa que usaria, na hora em que pensava chegar, no perfume... tudo. A antecipação

era muito mais lúdica que obsessiva, quer dizer que o paciente se encontrava vibrando principalmente em C3·C5·C6. Se nos detemos no estudo (artificial) desta função, podemos realizar o seguinte experimento:

$$f_p : \begin{cases} x1 : C \rightarrow & \text{“Estou muito entusiasmado com o encontro de hoje”} \\ x12 : H \rightarrow & \forall a \exists f_{(a)} / si |a| \rightarrow \text{♀} \Rightarrow f_{(a)} = \text{♂} \cdot \text{♀} \end{cases}$$

A expressão em C de f_p corresponde ao enunciado de conteúdo manifesto que o paciente apresenta. A expressão algébrica na categoria H da tabela é o resultado de aplicar¹⁵ $\times 10$ a f_p em C.

Este enunciado na fileira H se lê: *para todo a existe uma função de a tal que, se se encontra com um continente adequado, a função de a produz um pareamento de conteúdo e continente*. O que equivale a dizer que, para todo fato *a*, existe a possibilidade de se tornar vincular e operativo em uma função. E que, se este fato se torna operativo em uma função, pode desencadear uma ação capaz de alcançar uma realização puntiforme, operativa e significativa em um contexto. No caso do paciente, poderia haver um fato (o entusiasmo) capaz de se tornar operativo frente a um continente adequado (o encontro da noite) e desencadear ações que tendem a se parar com o entusiasmo relacionado a esse continente.

Temos então claramente definida a f_p que vamos estudar e que sabemos que vibra simultaneamente em suas três áreas. O primeiro impulso é *a* se centrar em \tilde{U} , onde aparece o desejo heterossexual, o entusiasmo pelo encontro, o desejo de ser agradável para a companheira, o prazer da antecipação, certa ruminação, o desejo de ir ao encontro e de que tudo corra bem, a capacidade imaginativa, a possibilidade de futuro, etc. Nada disto está mal como uma $\odot f_p$. É mais, em muitos casos; inclusive, poderia até parecer exaustiva esta linha de investigação na qual o que se observa $\Delta\infty$ são todas as funções da personalidade evidentes pelo que a função é.

No entanto, quando $\odot \langle \sim \tilde{U}_{fp} \rangle$, vemos se abrir entre nós toda uma nova área de vibrância: a inconformidade com seu si-mesmo, o sentimento de insegurança, o sentimento de solidão, a competitividade com o analista, as relações com os excônjuges, o medo à rejeição, a experiência psicopática, etc.

A inconformidade com seu si-mesmo e o sentimento de insegurança como negativo de não conferir com o colocado: arrumar-se para quê? Há arrumação? O sentimento de solidão como negativo do prazer da fantasia solitária que o leva à

¹⁵ Para uma descrição mais detalhada do processo de obtenção de matrizes operativas através de $x12$, a partir de material consciente do paciente, pode se ver Stitzman 2011, 2013, 2016. De qualquer forma, leitor, não se distraia excessivamente nesta passagem e siga em frente.

necessidade, à sede de buscar com quem passar a vida. A competitividade com o analista como negativo de sua colaboração e confiança ao lhe contar seu encontro maravilhoso em comparação aos que supõe para a pessoa do analista, etc.

Mas as dimensões não acabam aqui. Quando se delineaia ($\bar{U} i + \sim \bar{U} i$) se torna visível a importância de tolerar que a vida é com essa moça e não com todas as outras disponíveis, que a roupa escolhida só pode ser uma, que o resultado do encontro está regulado no mínimo por blocos de possibilidades desconhecidas e no máximo pelo acaso \mathcal{A} etc.

Como é evidente, o estudo de $f_p : \bar{U} + \sim \bar{U} + (\bar{U} i + \sim \bar{U} i)$ é muito mais rico, complexo e profundo do que se somente nos limitássemos à área de vibrância específica pelo vértice mais evidente em que se expressa a função.

E depois

Somos analistas.

Nossa tarefa é poder favorecer o contato do paciente com a maneira especial com que trava relações com os fatos do modo menos deformado possível, favorecendo sua capacidade de se transformar e transformá-los. E não podemos fazer isto apaixonados por teorias obsoletas ou em vias de sê-lo. A liberdade da utilização de um *framework* reside em sua agilidade, simplicidade, profundidade e facilidade para a adaptação às necessidades observacionais do analista em exercício.

A tarefa que temos pela frente é imensa, mas a responsabilidade que aceitamos também o é. Responsabilidade com nossos pacientes. Mas também com nós mesmos e com todas as pessoas que amamos, odiamos e conhecemos apaixonadamente. Responsabilidade com esses *alguns anos* que temos para passear pelo mundo. □

Abstract

Framework: hate, areas of vibrancy: ideas for psychoanalysts

This paper presents one possible way of thinking the emotional experience of hate, which can be understood both as a bond and instrumentally, in the context of the development of a psychoanalytical framework. For this purpose, the paper investigates the concept of passion as developed by W. R. Bion, i.e. centered on the idea of hate (H), contempt (-H), rage and cruelty (- - H). The technical importance of including the tools related to the areas of vibrancy and to the algebraic notation

is also discussed to allow the use of the different dimensions of hate when working with patients. As an example, several models and useful clinical applications are shown, so that the reader can better understand the kind of instrumental thinking presented herein.

Keywords: technique, framework, tools.

Resumen

Framework: odio, areas de vibrancia: ideas para psicoanalistas

El artículo presenta una manera posible de pensar la experiencia emocional del odio, entendida como vínculo, de manera instrumental en el contexto del desarrollo de un *framework* psicoanalítico. A tal efecto se estudia y amplía la idea de pasión desarrollada por W. R. Bion, poniendo el vértice en la idea de odio (H), desprecio (-H), rabia y crueldad (- - H). Asimismo, se piensa en la importancia técnica que la inclusión de las herramientas de áreas de vibrancia y la notación algebraica tienen en la instrumentación de las distintas dimensiones del odio en el trabajo con pacientes. A efectos ilustrativos se presentan distintos modelos y realizaciones clínicas útiles para que el lector pueda lograr una más rápida comprensión del tipo de pensamiento instrumental que se presenta.

Palabras clave: técnica, *framework*, instrumentos.

Referências

- Benedetti, M. (2005). *Todo verdor*. Recuperado em <https://irenia.blogia.com/2005/092801-todo-verdor-mario-benedetti.php>
- Bion, W.R. (1963). *Elementos de psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé.
- Bion, W.R. (1992). *Cogitations*. Valencia: Promolibro, 1996.
- Bion, W. R. (1975). The dream. In *A memoir of the future*. London: Karnac.
- Catulo (2015). *Poema 85*. Recuperado de <http://blogs.odiaro.com/auladelatim/2015/06/20/odeio-e-amo-odi-et-amo/>
- Rodriguez, S. (1975). *Días y flores*. Recuperado de <https://www.letras.com/silvio-rodriguez/542756/>
- Sor, D. & Senet, M.R. (1992). *Fanatismo*. Chile: Ananké.
- Stitzman, L. (2002). *Postales de crueldad*. Buenos Aires: Topia.

- Stitzman, L. (2003). Vórtice de amor. *Actualidad Psicológica*, n° 308. Buenos Aires.
- Stitzman, L. (2004). At-one-ment, intuition and suchness. *The International Journal of Psychoanalysis*, 85(5), 1137-1156.
- Stitzman, L. (2011). *Entrelazamiento*: un ensayo psicoanalítico. Valencia: Promolibro.
- Stitzman, L. (2013). Relações sem objetos relacionados: notas sobre técnica analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(4), 187-208.
- Stitzman, L. (2016). Framework, acaso e dom. *Berggasse 19*, 7 (1), 45-75.
- Winnicott, D. (1947). Hate in the counter-transference. *The International Journal of Psychoanalysis*, 30 (2), 69-74, 1949.

Apêndice A – A grade (ampliada) usada neste trabalho

	1 Hipótese definidora	2 Ψ	3 Notação	4 Atenção	5 Indagação	6 Ação	7 Fanatismo	n...
A Beta	A1	A2				A6	A7	
B Alfa	B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	
C Pensamentos, Sonhos, Mitos, Brinquedos, Perguntas	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	
D Preconcepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	
G Sistema Dedutivo Científico		G2			G5	G6	G7	
H Cálculo Algébrico	H1		H3	H4	H5	H6	H7	
I Entrelaçamento	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	

Recebido em 20/07/2017

Aceito em 14/09/2017

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Leandro Stitzman

Austria 2218 – CABA (1425)

Buenos Aires – Argentina

e-mail: leandrostitzman@me.com

about.me/leandrostitzman

© Leandro Stitzman

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA